

**EXPECTATIVAS, SENTIMENTOS E VIVÊNCIAS
DO PAI DURANTE O PARTO E NASCIMENTO
DE SEU FILHO***

**Expectations, feelings and experiences of the father
during the delivery and birth of his baby**

Lilian Cordova do Espirito Santo¹

Ana Lucia da Lourenzi Bonilha²

RESUMO

Trata-se de um estudo qualitativo, do tipo exploratório, que busca conhecer as expectativas, sentimentos e vivências do pai durante o processo de parto e nascimento de seu bebê. A análise de conteúdo, de acordo com Bardin (1977), revelou os temas: “Eu esperava que eu pudesse estar junto com ela, no decorrer de tudo” e “Muita emoção, tem que se segurar...”. Conclui-se que o pai tem o desejo de estar presente em todos os momentos relacionados ao parto e nascimento do bebê.

UNITERMOS: *paternidade, pai na sala de parto.*

1 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A TEMÁTICA

Atualmente, está havendo uma modificação, dentro da nossa cultura, no conceito de masculinidade, diminuindo-se as diferenças entre a maneira de agir dos homens e das mulheres. Pesquisas mostram que a experiência da paternidade vem se modificando, surgindo um maior envolvimento afetivo e uma maior preocupação com a divisão de tarefas entre pai e mãe e, também, com a interação e o companheirismo entre pai e filho (Schneider et al., 1997; Rohde et al., 1991).

* Trabalho extraído da dissertação de mestrado de Lilian Cordova do Espirito Santo, orientada pela Dra. Ana Lucia de Lourenzi Bonilha.

1 Professora Assistente do Departamento de Enfermagem Materno Infantil da Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mestre em Enfermagem.

2 Professora Adjunta do Departamento de Enfermagem Materno Infantil da Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Doutora em Enfermagem.

O pai deixa de ser apenas um espectador e provedor, passando a se envolver com os assuntos que outrora diziam respeito somente às mulheres (Araújo, 1997). Hoje ele quer participar dos mistérios da gravidez, estar presente no nascimento de seu bebê, cuidá-lo tanto quanto a mãe e, se possível fosse, dar o seio (Ávila, 1998).

Assim, o marido-pai vem conquistando um novo espaço junto à mulher gestante, sendo aceita a sua participação nos assuntos relacionados à gravidez. Este pai tenta abrir, ou retomar, o seu espaço no nascimento do seu filho, que lhe foi retirado pelos profissionais que atendem o parto. Ao pai resta um papel secundário, onde o obstetra, muitas vezes, é a figura principal, vindo a mãe e o bebê a seguir (Montgomery, 1998).

O homem tem se identificado cada vez mais com a mulher, tem um desejo de “maternagem”, principalmente entre os pais jovens. O “novo pai” que está surgindo neste final de século é um homem que procura se preparar emocionalmente para assumir, tanto quanto a mulher, um papel ativo nos cuidados e criação de seus filhos e filhas. O pai sente-se tão responsável pelo filho quanto a mãe e sabe que não basta ver o filho de vez em quando para ser um bom pai (Badinter, 1985). Quanto mais precoce for o contato do pai com o filho recém-nascido, mais é possível se desenvolverem laços adequados entre ambos. Um dos desafios que este homem está precisando enfrentar é o de viabilizar o dia-a-dia do trabalho com o exercício constante da paternidade. Os padrões de paternidade se modificam para adaptarem-se aos novos padrões da família (Ramires, 1997).

A caminhada em direção a tornar-se pai passa pelos seguintes estereótipos: fazer um filho é sinal de masculinidade; fazer um filho é cumprir com o seu trabalho; o pai não faz falta no parto. O pai transformou-se no provedor, sufocou suas emoções, deixou de conviver com os filhos. Hoje, ele quer mudar isto. Quer estar mais presente, participando, parindo junto com a mulher, “paternando” (Montgomery, 1998).

Para Abreu (1997), a paternidade vai se construindo aos poucos, durante a gravidez, à medida em que o homem vê a barriga crescer. Esta autora chama a atenção para o fato de que o homem-pai tem preocupações diferentes do homem em geral. Ele necessita proteger e ser responsável pelos filhos, participar de suas vidas e, principalmente, cuidá-los.

A presença do pai na sala de parto favorece o crescimento da relação conjugal, além de reduzir as necessidades de analgésicos (Rohde et al., 1991). O apoio do pai durante o parto reduz o uso de sedativos e ajuda a mulher a ter uma experiência mais positiva do nascimento. O pai pode ajudar a mulher a desenvolver sua função maternal. Ao sentir-se envolvido com a gravidez e o parto, o homem prepara-se para participar mais ativamente nos cuidados com o filho. Desta forma, “sua presença contínua traz dois frutos: seu vínculo com a esposa é conservado e começa a desfrutar da alegria da paternidade.” (Brazelton e Cramer, 1992, p.49).

Ao entrevistarem pais que assistiram ao nascimento de seus filhos, Hentschel, Oliveira e Espírito Santo (1993) constatam que esta participação fortalece a relação conjugal. Os pais consideram importante mostrar ao filho que pai e mãe estão juntos fazendo tudo para que o bebê se sinta bem e também pensam que a experiência foi positiva para eles e suas esposas.

Para Soifer (1992, p.60), a presença do pai ou outro familiar (no parto) que

“participe emotiva e praticamente do ato, contribui a assegurar a integração que se vê ameaçada nesses momentos e, por outro lado, ajuda a desmitificar o evento, tão tecido de fantasias assentadas em um total desconhecimento dos fatos.”

Nos países europeus, o parto é uma experiência do casal e da família e os homens envolvem-se ativamente neste processo. Em alguns países, como a França, a maioria dos pais participam do nascimento de seus filhos, entrando na sala de parto, sendo estimulado um contato mais intenso do pai com a mãe e o bebê (Rohde et al., 1991). Em outros países, o casal pode optar pelo parto domiciliar, assistido por enfermeira ou parteira, sendo possibilitado aos irmãos e outros familiares a participação no nascimento do bebê.

Até a metade do século os partos, no Brasil, ocorriam em casa. Embora os homens não costumassem assistir ao nascimento dos filhos, estavam próximos, podendo vê-los logo após o parto. Com a institucionalização da assistência à parturientel, a partir da década de 50, visando a redução da mortalidade materna e neonatal, o parto foi medicalizado, passando a ser dominado por nova lógica, onde a mulher deixa de ser sujeito da ação para tornar-se objeto

(Oba e Tavares, 1996). Atualmente, 99% dos partos são hospitalares. A internação hospitalar favorece a separação da gestante de sua família, despoja a mulher de suas referências, tornando-a uma propriedade da instituição (Osava, 1997).

Assim, o nascimento de um novo ser torna-se um processo artificial e complexo, distante do ambiente familiar, desumano. Pais e mães sentem-se cada vez mais incompetentes e despreparados para o parto. Este sentimento é reforçado pela atitude de muitos profissionais da área obstétrica, quando se apropriam do parto, tirando da mulher a confiança na sua capacidade de dar à luz e do homem o direito a participar do nascimento de seu filho.

Pesquisa realizada junto a 138 pais, com relação a sua presença na sala de parto, mostra que apenas nove pais participaram do parto, sendo que todos gostaram da experiência e a recomendariam a outros pais (Hentschel, Oliveira e Espírito Santo, 1993).

Observamos que, no acompanhamento de casais em consulta de enfermagem de pré-natal, a maioria dos pais referem o desejo de participar de todos os momentos relacionados ao trabalho de parto e parto. Nos últimos anos, percebemos que a enfermeira do Centro Obstétrico tem favorecido a presença do pai durante o trabalho de parto, mas a equipe médica tem negado quase que sistematicamente a sua participação no parto, mesmo em situações de baixo risco.

Estas observações demonstram que o pai vem sendo excluído do processo de parto e nascimento do bebê, sendo “esquecido” do lado de fora do Centro Obstétrico, permanecendo longo tempo sem receber qualquer informação sobre o que está acontecendo com sua companheira e seu filho. Diante deste quadro, surgem várias inquietações. Será que o pai gostaria de ser tratado de maneira diferente? Será que ele tem interesse em participar ativamente do processo de parto e nascimento do bebê? Como ele percebe a sua “não presença” nos momentos em que o seu filho está chegando à vida? Por que os profissionais que assistem as parturientes parecem tão pouco favoráveis à participação do pai no parto?

Desta forma, foram objetivos deste estudo conhecer as expectativas, sentimentos e vivências do pai durante o processo de parto de sua mulher e nascimento do seu bebê e conhecer as percepções dos profissionais com relação à participação do pai no processo de parto de sua mulher e nascimento do seu bebê.

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa do tipo estudo descritivo exploratório segundo Parse et al. (1985).

A pesquisa desenvolve-se em um hospital universitário, onde ocorrem cerca de 400 nascimentos por mês, 85% pelo Sistema Único de Saúde, sendo em torno de 73% por parto vaginal³. O hospital é referência para atendimento de gestantes de alto risco, sendo campo de estágio para alunos das faculdades de medicina e enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, bem como de residência médica. Possui o título de Hospital Amigo da Criança⁴ desde dezembro de 1997.

Os sujeitos da pesquisa são catorze pais de recém-nascidos a termo, tendo seis deles participado do parto e oito, não⁵. Também são sujeitos três médicos obstetras e três enfermeiras obstétricas que trabalham no Centro Obstétrico.

Os sujeitos são esclarecidos sobre os objetivos do estudo e das implicações de sua participação, recebendo garantia de sigilo, anonimato e possibilidade de abandonar o estudo a qualquer momento. Para garantir o anonimato dos sujeitos, são dados nomes de metais aos pais e de árvores aos profissionais e alterados os nomes das pessoas citadas nas entrevistas. Um Termo de Consentimento Informado é assinado por cada sujeito, ao concordar em participar da pesquisa.

Para a coleta de informações, utiliza-se uma entrevista semi-estruturada, de acordo com Triviños (1987). Para análise das informações, utiliza-se o método de análise de conteúdo, de acordo com Bardin (1977).

3 TEMAS

Os temas relacionados às vivências, sentimentos e expectativas dos pais e percepções dos profissionais são: “Eu esperava que eu pudesse estar junto com ela, no decorrer de tudo” e “Muita emoção, tem que se segurar ...”, apresentados a seguir.

3 Dados fornecidos pelo Serviço de Arquivo Médico da instituição

4 Título concedido pelo Ministério da Saúde aos hospitais que atendem os “Dez passos para o sucesso do aleitamento materno” preconizados pela Organização Mundial de Saúde.

5 Recém-nascidos com Apgar igual ou superior a 7 no 1º e 5º minutos de vida, internados em alojamento conjunto, na Unidade de Internação Obstétrica.

3.1 Eu esperava que eu pudesse estar junto com ela, no decorrer de tudo

Tornar-se pai é uma transição existencial normal no desenvolvimento emocional do homem. Neste período, é necessário um reajuste dos papéis entre as pessoas da família. A gravidez é um período de preparo para pai e mãe. Neste momento eles começam a formar o vínculo com o filho e a preparar a família para a chegada de um novo membro (Maldonado, 1997).

Montgomery (1998, p.78 e 79) acredita que a participação do homem é fundamental durante a gestação, quando o pai aprende a lidar com as necessidades da mulher gestante e passa a interagir com o bebê. Para ele,

“a resposta do futuro pai é fundamental na evolução de todo o contexto biopsicossocial da gestação. Quando o homem se aproxima da mulher e a valoriza, ele também se aproxima da criança.”

Alguns dos pais entrevistados participam ativamente da gestação, indo às consultas de pré-natal, inteirando-se do que ocorre e preocupando-se com o bem-estar da esposa e do bebê. A participação do pai nas consultas de pré-natal dá a possibilidade dele compreender o processo de gestação, tomando conhecimento do que acontece. Assim, o pai pode perceber a gestação como sua também e sente-se mais participante.

A participação em exames como a ecografia, que permitem uma visualização do que acontece dentro do útero, aproxima o pai do bebê e torna o filho, para o pai, uma presença mais concreta, como verbaliza *Ferro*.

“... sabia o sexo do bebê desde a segunda ecografia que a gente viu ... é muito bom!”

O último trimestre da gestação traz a certeza de que o parto é inexorável, o que aumenta o nível de ansiedade do casal. De acordo com Maldonado (1997), o parto é um momento crítico, irreversível, que precisa ser enfrentado de qualquer maneira e sobre o qual não se tem controle. O pai entrevistado lembra das dificuldades que a esposa passou no parto anterior:

“E, no parto, ela sofreu muito ... aquele parto até tinha indicação pra cesariana.” Mercúrio

Esta é uma das razões para este pai querer estar presente no parto atual, como se estando junto ele pudesse ter um maior controle da situação e evitar tanto sofrimento para a esposa.

Para Emmer (1996), a participação do pai, no parto, depende do casal. Geralmente a mulher busca companheirismo no homem, mas nem sempre ele está disposto a participar. Ele é uma ajuda valiosa quando se dispõe a acompanhar a mulher. Ávila (1998) diz que a parturiente pobre não costuma solicitar a presença do companheiro no parto, porque aprendeu que parto é coisa que diz respeito só à mulher. Embora o foco do presente estudo sejam as vivências, sentimentos e expectativas do pai, nenhum dos pais entrevistados faz referência ao fato da esposa não permitir que ele estivesse presente em algum dos momentos do processo de parto e nascimento do bebê.

Nas falas dos pais está presente o desejo de participar de todos os momentos do trabalho de parto e parto. Eles conhecem o seu papel na gestação e no parto, sabem da importância de sua presença junto à mãe e filho no momento em que a criança vai sair do ventre materno, querem compartilhar com a companheira e o bebê estes momentos. O desejo de estar presente se manifesta já durante a gestação:

“Eu já tava pensando ... desde o começo eu falei pra ela que eu queria até assistir o parto, né?” Berílio

“O que eu esperava era isso ... eu queria ficar junto com ela o tempo todo.” Tungstênio

O pai sabe que o parto é um momento profundo e único e, assim como ele participa da gestação, quer participar e estar presente na chegada do bebê.

A enfermeira acredita que o desejo de participação do pai inicia já no momento da concepção. Para ela, o pai que quer participar do parto mostra isto ficando junto o tempo todo, presente física e emocionalmente:

“... ele quer estar junto da paciente, não é aquele pai que quer fugir. Ele tem interesse em participar, segura na mão da paciente, ajuda ela a fazer a respiração ... é queredor ...” Caviúna

Os profissionais entrevistados valorizam a participação do pai no processo de parto e nascimento do bebê. Para o médico entrevistado, o fato do pai participar do processo de parto e nascimento do bebê reforça os vínculos da família:

“Eu acho que é fundamental que o pai participe. Tanto pra segurança materna e pra própria integração da família. Aquela questão do vínculo com a criança, né?” Angico

Ele tem a oportunidade de presenciar a atuação e o empenho de todos para atender bem sua esposa e bebê. Assim, numa eventual intercorrência, é mais fácil para ele compreender o que acontece e o que é feito pelos profissionais:

“Então, se ele vê que todo mundo se esforçou, mas aconteceu (um problema), eu acho que é muito mais fácil dele enfrentar a realidade, dele poder aceitar as coisas como são, né?” Cerejeira

“Trazendo ele pra perto tu vai poder fazer com que ele acompanhe todo o desenvolvimento e toda a atenção que a paciente tá tendo aqui dentro.” Ipê

Nem sempre o homem conhece a fisiologia do trabalho de parto e parto. Alguns dos pais entrevistados têm a oportunidade de participar de consultas de pré-natal, outros não. Contudo, sabe-se que, mesmo quando participa das consultas, o homem é tratado mais como um “convidado” do que como alguém que também está grávido e que tem temores e dúvidas com relação ao que está acontecendo e ao que está por vir (Ávila, 1998). Por desconhecer o que é normal durante o trabalho de parto, o pai surpreende-se com a demora do parto e com as dores da esposa:

“Eu pensei que ia ser uma coisa rápida.” Zinco

“... eu achei que ia ser bem tranqüilo, não esperava que fosse tudo aquilo. Aquelas dores que ela sentia.” Selênio

Na opinião da enfermeira, quando o homem tem a oportunidade de ser esclarecido sobre como é o processo de trabalho de parto, ele se tranqüiliza e pode ajudar melhor a esposa:

“Quando a gente explica pra eles, eles conseguem entender que tem que dar o tempo necessário, que o trabalho de parto é uma coisa difícil, mesmo. A grande maioria dos pais participa e não atrapalha.” Canela

A enfermeira acredita que, mesmo quando o pai não recebe orientações durante a gestação, ele tem a oportunidade de se preparar emocionalmente para participar do parto durante as horas de acompanhamento do trabalho de parto. Ele vai conhecendo o desconhecido:

“... à medida em que eles vão participando do trabalho de parto, eles vão tendo vontade de participar do parto ... como se o medo fosse diminuindo ... na medida que eles vão se sentindo úteis, eles vão se tranquilizando e vão desejando assistir o parto.” Canela

O pai vai encontrando o seu lugar junto à mulher e o filho que está por nascer. Ele passa a se perceber como um dos atores principais do evento, necessário para que tudo aconteça da melhor maneira possível.

O desejo de participar do parto e ajudar a esposa é muito grande. Quando, num primeiro momento, não lhe é permitido, acontece decepção e revolta:

“Na hora, já que não deixaram, fiquei cabisbaixo, saí pra rua. Até saí de perto pra não ficar nervoso, né?” Berílio

“Daí, já me desmoronou tudo, porque eu tinha intenção de assistir, até pra dar um apoio pra ela.” Mercúrio

A enfermeira lamenta a frequência com que o pai é separado da companheira no momento mais importante, quando o casal quer permanecer junto:

“... infelizmente eles são convidados para sair na hora mais importante ... do nascimento. É uma dor. Tu vêes que a paciente tá pedindo que ele fique, que ele assista, o pai tá pedindo pra assistir e nem sempre a equipe se sensibiliza com isso. Daí, é uma pena, realmente.” Canela

Para Maldonado e Canella (1981), é extremamente iatrogênico proibir a presença do pai na sala de parto, pois é neste momento que pai e mãe precisam estar juntos, aguardando o nascimento de seu filho. Contudo, esta proibição é freqüente, sob o argumento de que o homem pode atrapalhar ou agir como fiscal sobre a atuação do obstetra.

A autorização para entrar na sala de parto é dada no momento do nascimento. Ele aguarda ansiosamente até o último instante para ter ou não a autorização para ver o seu filho nascer, como nos conta Cobre:

“E aí, no momento em que ela já tava sendo encaminhada eu fui passado pro Dr. Álvaro, e ele disse: não, sem problema, pode acompanhar.”

Durante o pré-natal o pai é orientado a permanecer junto à cabeceira da mesa de parto, levantando a cabeça da mulher enquanto ela empurra o bebê, no período expulsivo. Isto é explicado aos pais que fazem os cursos de preparo para o parto, bem como aqueles que conseguem participar do parto. Acredita-se que um pai cooperativo é aquele que permanece no lugar que lhe é indicado. A enfermeira da sala de parto também entende que o papel do pai, no parto, é ajudar a mulher a fazer força para expulsar o bebê. Ela acredita que o mais importante é o pai ajudar a mãe, ver o bebê fica em segundo plano:

“Porque tem aqueles maridos que querem ver o nenê nascer, que eu acho que não é tão importante. Eu acho que é mais importante o pai ficar junto da mãe, ao lado dela, ajudando ela a fazer força. Porque, depois ... o terceiro momento seria ele ver o filho, né?” Caviúna

O homem, embora seja o pai da criança, não tem o direito de ver o filho ao mesmo tempo que o obstetra, ou seja lá quem esteja fazendo o parto, o vê.

Sabedor do seu lugar dentro da sala de parto, pois é orientado pela enfermeira do pré-natal, o pai comporta-se como é esperado pelos profissionais:

“... eu me posicionei exatamente como me disseram, como me indicaram que seria o que melhor eu podia fazer naquele momento, né?” Cobre

Contudo, ele tem curiosidade de ver o bebê nascendo sob o ângulo da pessoa que faz o parto:

“Mas, também, se pudesse ter visto o parto da posição do médico, acho que também gostaria.” Cobre

O pai entende que o seu papel, durante o parto, é ajudar a esposa a ganhar o bebê, dando apoio:

“... eu acho que o importante é o esposo, o pai, dar um auxílio pra mulher ... sempre do lado dela” Mercúrio

“... segurei a mão dela pra passar tranquilidade, tentar passar o que eu tava tentando ... (sentir)” Zircônio

Acreditando na importância de favorecer a participação efetiva do pai no nascimento do bebê, o médico dá oportunidade ao pai de vivenciar situações que o aproximem do bebê logo ao nascer, estimulando-o a cortar o cordão umbilical:

“... a equipe tenta valorizar a participação do pai na sala de parto, ficando do lado da mãe, que assista a saída do bebê, o período expulsivo e, se possível, cortar o cordão, pra que ele se sinta ativo, envolvido e responsável pelo nascimento do bebê.” Ipê

O pai tem o desejo de filmar o parto. Entretanto, isto não é permitido para os pais cujo convênio é o Sistema Único de Saúde. No máximo, é permitido que sejam tiradas fotos, se alguém da equipe se dispuser a fazê-lo. E o pai aproveita a boa vontade de um acadêmico de medicina para tirar “fotos de médico”, como ele mesmo diz, documentando o nascimento:

“Eu consegui tirar algumas fotos. Filmar não, é contra a política do hospital. Peguei um dos acadêmicos e disse: olha, já que tu tá aí observando, tira uma fotos, bem foto de médico, não quero a cara do pai nem a cara da mãe, quero o bebê, o nascimento do bebê. Eu quero registrar o nascimento.” Cobre

Quando o atendimento é privativo, não existem normas que

proíbam que o pai filme o evento. É o que acontece com o pai cuja esposa foi atendida por médico particular. Ele mesmo filma a cesárea do início ao fim, com a ajuda da equipe que atende a sala de cesárea para indicar o melhor ângulo. Filmando, ele sente-se participando ativamente do processo:

“... tu tá ali pra documentar a mãe, tu participa ativamente, pelo menos. Todo mundo chegava e me ajeitava. Eu que filmei!” Urânio

Para Ávila (1998), alguns pais encontram o seu lugar na sala de parto filmando ou fotografando o evento, como uma maneira de se envolver e participar ativamente do nascimento do bebê.

Estando presente no parto, o pai tem a oportunidade de pegar o bebê no colo minutos após o nascimento:

“Eu peguei ele no colo, logo que eles fizeram tudo, examinaram, limpavam ele ...” Berílio

E assim, pai e filho vão se conhecendo. No mesmo momento, pai e mãe se apresentam para o filho que acaba de chegar.

Mesmo quando tem o “privilegio” de presenciar o parto, a participação do pai termina quando a esposa é transferida para a sala de recuperação pós-parto. Esta sala possui quatro ou mais leitos, todos ocupados por puérperas e seus recém-nascidos, tanto de parto normal quanto de cesárea. Neste local o pai não pode permanecer:

“Fiquei na sala ... só que depois, na sala de recuperação, tive que sair. Até pra avisar os familiares e também porque ali não pode ficar. Tem mais mães ... pode até intimidar elas ...” Mercúrio

Um pai diz não ter pensado em participar do parto, por não tolerar ver a esposa sofrer. Fica tranqüilo enquanto aguarda, porque sabe que a esposa é atendida por quem entende do assunto:

“Acho que eu não ia agüentar do lado dela, vendo ela ali, sofrendo. Daí fiquei aguardando, só. Bem melhor. Tá na mão dos médicos, né? Daí eu esperei.” Zinco

Ávila (1998) afirma que o homem pode alegar que não quer participar do parto por receio de ver sangue, ou foge da hora do parto usando bebida alcoólica, por ansiedade e pela angústia de reviver o seu próprio nascimento. Na opinião de This (1987), quando a postura dos profissionais e às vezes até da mulher é de hostilidade, é natural que o homem se intimide e entregue a esposa às “autoridades médicas”, que sabem o que fazem.

Segundo Raphael-Leff (1997, p.63),

“as ansiedades masculinas tendem a se decompor em face da dor da mulher sendo amedrontada e maltratada pelas intensas exigências emocionais e a cena ensanguentada do parto.”

É importante que o homem tome conscientemente a decisão de não participar do parto, evitando-se que lamente, depois, o que perdeu. Acredito que um pai que, junto com a companheira, tenha a oportunidade de se preparar e esclarecer suas dúvidas, terá maiores possibilidades de decidir com segurança se deseja ou não participar do parto de seu filho.

3.2 Muita emoção, tem que se segurar ...

Nos dias atuais, o pai se dispõe “a viver o novo, a ter uma relação em que não se prive de viver a emoção de ser pai.” (Schneider et al., 1997, p.121). A concepção atual de paternidade estabelece que, além do pai ter uma proximidade afetiva maior com o filho, ele seja um participante ativo e amoroso não só da concepção, mas também e principalmente da gestação, do parto e do pós-parto.

Maldonado (1997) chama a atenção para o fato de que o nascimento de um filho é sempre uma experiência da família como um todo. Mesmo durante o período de gestação, em que o contato da mãe com o bebê é muito íntimo, o homem pode participar ativamente, assumindo um papel protetor em relação à mulher e vivenciando com ela as ansiedades e temores relacionados ao parto e puerpério. É uma maneira do pai elaborar, dentro de si, a sua relação com o bebê e preparar-se para a chegada do bebê:

“Sempre mais um é mais emocionante ... porque nesse caso muda bastante, né? É mais uma criança nova, começar tudo de novo ...” Mercúrio

Segundo Maldonado (1997), o homem sofre grande impacto ao perceber os movimentos fetais, sentindo inveja da mulher. A partir desta inveja podem surgir variadas reações, entre elas a de incluir o feto na dinâmica do relacionamento familiar, estabelecendo-se uma comunicação com o bebê através do ventre materno. E assim que os movimentos do bebê repercutem sobre *Bismuto*, que fala da experiência de senti-los como “*uma experiência fascinante ... emoção, o nenê mexendo ...*”

Assim como a gestação, o parto é um momento único na vida da família, ansiosamente esperado pelo pai e pela mãe. O envolvimento do pai no parto favorece o desenvolvimento do apego e do sentimento de proteção do pai em relação ao filho (Raphael-Leff, 1997; Brazelton e Cramer, 1992). Assim como participa da gestação, o pai quer participar do parto, permanecendo junto com sua esposa durante todo o período em que ela fica internada no Centro Obstétrico, para fazer companhia e para ver o bebê nascer.

O mundo do hospital pode ser desconhecido e assustador para a mulher. Ao internar no Centro Obstétrico, ela é despojada de suas roupas e pertences, tornando-se “mais uma” entre as muitas outras mulheres à espera do parto. Nestes momentos, o marido é o seu ponto de referência e segurança. A enfermeira pensa que a presença do marido traz a segurança, para a mulher, de ter alguém em quem ela confia e conhece junto a si:

“... as mães ficam mais tranquilas, mais seguras, não se sentem sós. Porque a equipe não é do conhecimento dela. Então, pelo menos tem o marido do lado dela, que é a pessoa que ela mais confia, pra tranquilizá-la.” Caviúna

A idéia de que a esposa esteja sentindo-se sozinha durante o trabalho de parto é preocupação para o pai. Também para ele a solidão no corredor, aguardando horas por alguma notícia, gera ansiedade. Abreu (1997, p.72) constata que “a angústia pode surgir e colocar o pai numa condição isolada, numa solidão total, que é a que o pai sente no período de espera do parto da companheira.”

Este pai acredita que a sua presença junto à esposa, durante o trabalho de parto, é muito importante para que o sentimento de solidão não colabore ainda mais para aumentar a ansiedade da mulher, como nos diz Mercúrio:

“... a mãe se sente muito sozinha, não por falta de pessoas, até tem. Tem médico, auxiliar, mas eu digo assim ... no caso o marido, ou até mesmo a mãe, ou uma irmã. Alguém ali, amigo, do lado dela. Amigo mesmo, íntimo.”

Os pais entrevistados têm consciência do apoio que podem dar e da importância do seu papel como tranquilizadores da mulher durante os desconfortos do trabalho de parto. Cobre verbaliza como percebe o seu papel durante o trabalho de parto:

“... é imprescindível, acho que tem que ter o pai ali do lado, porque dificilmente a mãe agüenta só, nesse momento ... que tem que ser calma.”

Entendemos que o pai, durante o trabalho de parto, pode ser o contato da esposa com o ambiente hospitalar, a garantia de que ela não vai precisar enfrentar o desconhecido sozinha. Ele passa a ser como uma âncora e ela pode se descontrolar e gritar durante as contrações com a certeza de que não vai se perder num mundo de desespero e medo.

Quando lhe é permitido participar do trabalho de parto, ficando junto com a esposa até o momento dela entrar na sala de parto, o pai fica tenso, mas sente felicidade e tem uma expectativa muito grande com relação ao parto e ao bebê. Estes sentimentos aparecem mesclados com nervosismo e tristeza por ver a esposa sentindo dor e não poder evitar:

“um pouquinho de tristeza por causa que ela tava sentindo dor, um monte de coisas ...” Manganês

De acordo com Raphael-Leff (1997), o pai tem culpa por sentir-se o responsável pela dor da esposa durante o trabalho de parto. Ele sente-se impotente frente a esta dor:

“Tu tá vendo que ela tá sofrendo e tu não pode fazer nada ... é horrível.” Ferro

Ávila (1998) afirma que o homem revive a experiência do seu próprio nascimento e teme o parto pela mulher, pelo bebê e por si mesmo. Assim como a mulher, o homem vivencia ansiedade em relação ao parto, por ser algo desconhecido e imprevisível. Este

sentimento de ansiedade pode manifestar-se como receio de entrar na sala de parto e sentir-se mal. Contudo, mesmo quando permanece fora da sala de parto ele sente angústia e inquietação, principalmente quando esta exclusão foi determinada pelo contexto assistencial, colocando o pai à margem do processo (Maldonado, 1997).

Para Abreu (1997), no período de espera do parto o pai está cheio de expectativas, tem medo do desconhecido e da responsabilidade de ser pai. Ele está ansioso por notícias, solicitando a todo o instante informações sobre o parto. A demora por notícias, as informações vagas que são dadas para o pai e a impossibilidade de ver a esposa são fatores geradores de mais angústia, como nos diz Tungstênio:

“Fui perguntar, mas eles não me diziam nada. Só diziam que tava bem, tava bem. Mas eu queria ver ela, né?”

Quando não lhe é permitido estar presente durante o processo de parto e nascimento do bebê, o pai tem sentimentos negativos enquanto aguarda notícias, no corredor. Ele sente-se ansioso por não poder ficar junto com a esposa, acompanhando-a:

“Eu me sentia aflito, desesperado, porque não deixaram eu ver a mãe, nunca deixaram.” Bismuto

Ele refere nervosismo, angústia e aflição durante esses momentos, correndo o risco de perder o controle emocional. Por estar afastado, sem poder ver nem interferir e, muitas vezes, não sabendo realmente o que está acontecendo com a esposa, a angústia do pai aumenta ainda mais. Existe também a preocupação com as condições de saúde da esposa e do bebê:

“Eu tava bastante preocupado com ela. Nos últimos dias deu bastante pressão alta.” Ouro

De acordo com Abreu (1997, p.71), “o pai no período de espera do parto de sua companheira teme sobre a vida da mulher e do bebê.”

Quando o parto se aproxima, pais e mães preocupam-se com a saúde do bebê e querem saber se tudo vai bem (Brazelton e Cramer, 1992). É comum o medo de que o filho nasça com algum

defeito físico ou mental (Maldonado, Dickstein e Nahoum, 1997). Este sentimento é expresso pelo pai, que espera o nascimento do seu bebê com ansiedade, para ter certeza de que ele é normal:

“Com ansiedade, não é? Como profissional de saúde, eu vejo muita coisa que é grave, então tem uma expectativa muito grande do que vai acontecer, com segurança.” Urânio

Quando lhe é permitido participar do parto, os sentimentos percebidos pelo pai são positivos. De certa forma, ele sente-se “parindo” junto com a mulher:

“Olha só! Parece que quem ganhou o filho fui eu! Eu não senti dor, evidente, mas eu senti uma emoção ... Não dei à luz ... mas foi muito gratificante ... muito bom!” Zircônio

As modificações que ocorrem com a mulher, durante a gravidez, podem repercutir nos maridos em variados graus da síndrome de “couvade”, que são sintomas semelhantes aos da gestação que surgem no homem. Estes sintomas “expressam simbolicamente a participação e o envolvimento do marido na gravidez da mulher.” (Maldonado, 1997, p.56).

Ao entrar na sala de parto, o homem espera um ambiente diferente daquele que encontra. Ele imagina que a sala de parto seja mais agitada, assim como o momento do parto. Quando se depara com o ambiente que existe apenas na sua imaginação ou visto em filmes, dá-se conta de que a sala de parto não é tão assustadora quanto ele pensa:

“... eu até pensei que fosse mais barulhento, achei que fosse uma coisa mais tumultuada. Foi muito calmo, bem calmo.” Cobre

O pai que participa do parto pensava que o momento pudesse ser de muito nervosismo, mas constata que não é assim. Diz sentir-se preparado para ser pai há muito tempo:

“... foi uma coisa tão natural, foi tão comum como se eu já tivesse tido outros filhos, como se não fosse a primeira. Eu fui bem tranqüilo, eu acho que já tava preparado para ser pai há bastante tempo.” Cobre

Raphael-Leff (1997) afirma que os pais que participam do parto podem achar a experiência cansativa e prazerosa, lembrando-a com muita satisfação. O pai que participa do presente estudo refere que a emoção de ver o filho nascer é muito grande e gratificante. E vem acompanhada de uma sensação de alívio, onde novamente o homem se identifica com a mulher:

“Ah! Foi demais! Ela também sentiu um alívio, né? O nenê saiu ... foi muito emocionante!” Mercúrio

Vendo o filho nascer, o pai tem a oportunidade de pari-lo emocionalmente (Ramires, 1988). Ver no filho a concretização do seu amor, uma parte de si e de sua mulher, também gera uma grande emoção no homem:

“Além de ser emocionante tu assistir um parto, tu vai ver, é um pedaço de ti que tá nascendo ali.” Zircônio

Toda a tensão acumulada durante o trabalho de parto, a ansiedade de não saber se poderia ver o bebê nascer, a preocupação com as condições de saúde da criança deixam o pai eufórico quando ele finalmente vê o bebê nascer, não sabendo o que fazer primeiro:

“Eu não sabia se eu podia pegar o nenê ou se eu pegava a minha esposa, se eu beijava o nenê...eu sei que eu abracei as duas ... foi muito bom, foi uma coisa que ... explodiu, sabe?” Zircônio

O pai interage com o bebê nos primeiros minutos de vida e se emociona muito com isso:

“... ele começou a chorar ... olhei pra ele ... comecei a rir, parece que ele abriu a boca e deu uma risada pra mim, abriu os olhos, daí ... eu murchei, né? Foi legal, bem legal!” Berílio

Para Brazelton e Cramer (1992, p.63), *“o contato visual e auditivo na sala de parto pode ser tão importante quanto colocar a criança ao peito.”* Colocado em frente ao pai, os olhos do bebê se abrem e ele está pronto para interagir.

O homem avalia que participar do parto é uma experiência nova, que serve para desmistificar a idéia que fazia do parto:

“É bom, tu vêes as coisas com mais naturalidade, não é aquele bicho-de-sete-cabeças.” Germânio

O pai acredita que a sua presença na sala de parto faz bastante diferença e que ele ajuda a mulher:

“Porque eu sentia que ela tava com medo, na hora do parto ... ficou mais tranqüila (com a presença do marido).”
Mercúrio

O mesmo é constatado por Hentschel, Oliveira e Espírito Santo (1993) quando concluem, em trabalho junto a pais que participaram do parto, que 100% deles consideraram a experiência positiva, acreditam que sua presença foi boa para a mulher e recomendariam a experiência a outros homens. Maldonado (1997) diz que a presença do marido na sala de parto é mais benéfica para aquelas mulheres muito ansiosas do que para as menos ansiosas, concluindo que os benefícios do apoio dependem de quem os recebe.

Depois de todas as horas de trabalho de parto, depois da emoção que sentiu durante o parto, quando ele também pariu, depois que conheceu o seu bebê, pegou-o no colo e entregou-o à esposa, depois que sai da sala de parto, o pai pode relaxar e soltar a sua emoção. Pode até chorar:

“Depois que eu saí do parto e telefonei pra família, sentei num banco e chorei um pouco. A gente precisa chorar pra relaxar, dá vontade de abraçar alguém ...” Cobre

Mesmo quando não participa do parto, o pai sente-se muito emocionado ao saber do nascimento do bebê, não controlando a expressão de sua emoção:

“... depois que ele nasceu ... é muito bom! ... só tu passando mesmo pra sentir na pele como é gostoso. Chorei tanto que ... tu não consegue segurar ... é uma emoção assim ...”
Ferro

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os temas encontrados na pesquisa nos permitem tecer algumas considerações a respeito das expectativas, sentimentos e vivências do pai durante o processo de parto de sua mulher e nascimento de seu bebê, bem como a respeito das percepções dos profissionais quanto a esta participação.

O homem tem o desejo de estar presente em todos os momentos que envolvem o nascimento do seu filho, quer tornar-se pai ao mesmo tempo em que a mulher torna-se mãe. Ele quer ficar junto da companheira, participando da gestação e de todo o processo da parturição, ajudando-a a parir o filho que é dos dois.

Muitas das razões apresentadas pelos profissionais para não permitirem a participação do pai estão relacionadas à “performance” que se espera dele. Seu comportamento deve ser impecável, sem se levar em consideração que ele está vivenciando uma crise existencial profunda, que é a proximidade do nascimento de seu filho.

Parece que, no entender do profissional, qualquer atitude do homem que seja diferente daquela que se considera adequada é justificativa para que ele não possa permanecer junto da esposa. Assim, um homem que tenha um comportamento guiado por suas emoções pode ser considerado inadequado, supondo-se que coloque em risco o bom andamento do parto, que prejudique o desempenho da esposa e o trabalho dos profissionais.

Da mesma maneira, é determinado pelos profissionais o local para o homem permanecer na sala de parto e o papel que ele deve desempenhar junto à esposa durante o trabalho de parto e o parto. Se ele não ficar neste local e não desempenhar este papel, entende-se que não está colaborando adequadamente. Autoritariamente, não se pergunta para o pai se era isto que ele desejava ou esperava. Isso porque ele é visto, mesmo quando se permite a sua participação, como um convidado, ou um estorvo. No máximo, ele é um “figurante”.

Determina-se ao pai que ele permaneça junto à cabeceira da mesa de parto, ao lado da mulher, de maneira que ele não enxergue o períneo e a expulsão do bebê. Acredita-se que não é conveniente que o homem veja os genitais da esposa durante o período expulsivo, pois isto poderia interferir no relacionamento sexual do casal. Pensamos que, se realmente o pai fosse entendido como um dos três atores principais do parto, caberia a ele e a mãe decidirem em qual local e de que maneira se daria a sua participação no parto.

Ao lançar nosso olhar para o pai, procurando compreender o que ele sente, o que espera e como vivencia o processo de parto e nascimento do seu bebê, constatamos o seu desejo de estar presente em todos os momentos e o sentimento de profunda decepção quando não lhe é permitido participar de tudo junto com a esposa. Ser impedido de participar causa-lhe sofrimento e desespero, angústia de sentir-se privado de uma experiência que ele aguardou, ansiosamente, por toda a gestação.

Quando lhe é permitido estar presente, o homem tranquiliza-se e sente-se preparado para enfrentar o desconhecido e esperado parto. Sabe que sua presença junto à esposa é muito importante para trazer-lhe segurança e calma. O pai tem uma sensação de alívio quando, finalmente, o bebê vem ao mundo. É tomado de grande alegria e euforia ao ver o bebê, ao tocá-lo, ao conhecê-lo. Definitivamente, ele também pariu!

A família, conhecendo o sistema de atendimento de saúde na rede pública, procura o hospital em estudo por acreditar que lá o atendimento à mulher e ao bebê é seguro e de boa qualidade. Assim, o pai submete-se às regras a ele impostas, por entender que a prioridade, naquele momento, é a garantia da vaga e do atendimento ao parto e ao seu filho. Aceita, embora nem sempre pacificamente, ficar muitas horas aguardando notícias no corredor ou acompanhar por quarenta horas a esposa em trabalho de parto e ser “convidado” a se retirar quando finalmente o bebê vai nascer.

O ingresso do hospital em estudo na rede de hospitais “Amigos da Criança” é um movimento da instituição rumo à humanização. Contudo, ainda insuficiente. Entendemos como necessária e urgente a inclusão do pai nos eventos relacionados ao nascimento do bebê. A implantação do projeto do Ministério da Saúde, “Maternidade Segura”⁵, certamente favoreceria o atendimento deste objetivo.

Esperamos, com o presente trabalho, sensibilizar os profissionais que cuidam de famílias no período de gestação, parto e pós-parto para valorizarem e estimularem o exercício da paternidade em todos os homens que vivenciam esta experiência. Assim, estaremos contribuindo para o surgimento de uma nova família, onde os filhos sejam acolhidos amorosamente pelo pai e pela mãe ao chegarem as suas vidas.

5 Oito passos para a humanização do atendimento ao parto propostos pelo Ministério da Saúde.

ABSTRACT

This is a qualitative study, of the exploratory kind, that seeks knowledge about expectations, feelings and experiences of the father during the delivery and the birth of his child. The thematic content analysis according Bardin (1977) revealed the themes: "I expected I could be with her through the whole thing" and "A lot of emotions, you have to hold yourself...". The conclusion reached was that the father have the wish to be present in every moment related to delivery and birth of his baby.

KEY WORDS: *paternity, father in the delivery room*

RESUMEN

Es una investigación cualitativa que busca conocer las expectativas, sentimientos y vivencias del padre durante el proceso de parto y nacimiento de su bebé. La análisis de contenido de tipo temático preñizada por Bardin (1977) reveló los temas: "Yo esperaba que podría estar con ella en el transcurso de todo" y "Mucha emoción, uno no sabe cómo aguantarse". Se há concluído que los padres tienen un deseo muy fuerte de estar presente en todos los momentos relacionados con el parto y nacimiento de su bebé.

DESCRIPTORES: *paternidad, padre en sala de partos*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 ABREU, A. S. G. T. *O significado da espera do parto – o vivido do pai na ótica compreensiva da enfermagem*. Rio de Janeiro: UERJ, 1997. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Escola de Enfermagem Anna Nery, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1997.
- 2 ARAÚJO, L. D. S. de. *Querer/poder amamentar*. Uma questão de representação? Londrina: UEL, 1997.
- 3 ÁVILA, A. A. de. *Socorro doutor! Atrás da barriga tem gente!* São Paulo: Atheneu, 1998.
- 4 BADINTER, E. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- 5 BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

- 6 BRAZELTON, T. B.; CRAMER, B. G. *As primeiras relações*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- 7 EMMER, L. L. *Guateatear o cómo recibimos a los recién nacidos*. Buenos Aires: Errepar, 1996.
- 8 HENTSCHEL, F.B.L.; OLIVEIRA, D.L.L.C. de; ESPIRITO SANTO, L.C. do. Sentimentos e percepções do pai quanto a sua presença na sala de partos. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, Porto Alegre, v.14, n.1, p. 34-39, jan.1993.
- 9 MALDONADO, M. T. *Psicologia da gravidez: parto e puerpério*. 14 ed. São Paulo: Saraiva, 1997.
- 10 MALDONADO, M. T.; CANELLA, P. *A relação médico-cliente em ginecologia e obstetrícia*. Rio de Janeiro: Atheneu, 1981.
- 11 MALDONADO, M.T.; DICKSTEIN, J.; NAHOUM, J.C. *Nós estamos grávidos*. 10 ed. São Paulo: Saraiva, 1997.
- 12 MONTGOMERY, M. *O novo pai*. 5 ed. São Paulo: Editora Gente, 1998.
- 13 OBA, M. das D. do V.; TAVARES, M. S. G. As mulheres e os receios vivenciados em suas trajetórias obstétricas. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v.49, n. 4, p.569-580, out./dez. 1996.
- 14 OSAVA, R.H. *Assistência ao parto no Brasil: o lugar do não-médico*. São Paulo: USP, 1997. Tese (Doutorado em Saúde Pública) – Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, 1997.
- 15 PARSE, R. R. et al. *Nursing research - qualitative methods*. Baltimore: Brady Communications, 1985.
- 16 RAMIRES, V. R. *O exercício da paternidade hoje*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.
- 17 RAPHAEL-LEFF, J. *Gravidez: a história interior*. São Paulo: Artes Médicas, 1997.
- 18 ROHDE, L.A. et al. A função paterna no desenvolvimento do bebê. *Revista de Psiquiatria*, Porto Alegre, v.13, n.3, p.127-135, set./dez. 1991.
- 19 SCHNEIDER, J.F. et al. A paternidade na perspectiva de um grupo de pais. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, Porto Alegre, v.18, n.2, p.113-122, jul. 1997.
- 20 SOIFER, R. *Psicologia da gravidez, parto e puerpério*. 6.ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- 21 THIS, B. *O pai: ato de nascimento*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.
- 22 TRIVIÑOS, A. N.S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

Entrada na revista: 17/10/2000

Aprovação final: 24/11/2000

Endereço da autora: Lilian Cordova do Espírito Santo
Author's address: Rua São Manoel, 963
90.620 - 110 - Porto Alegre - RS